

Viver do Silêncio

Josef Pieper¹

Resumo: Em um mundo imerso na agitação e no ruído, esta pequena meditação, um clássico de Josef Pieper, reflete sobre o papel do silêncio na Educação

Palavras Chave: Silêncio. Educação. Espírito.

Abstract: In a world overwhelmed by noise and distraction, this classical meditation of Josef Pieper establishes the role of silence in Education.

Keywords: silence. education. spirit.

“A infelicidade de um homem começa com a incapacidade de estar a sós, consigo mesmo, num quarto” (Pascal).

Só quem cala ouve.

Se alguém me perguntasse pelas regras fundamentais da vida intelectual e da vida espiritual, antes de mais nada dar-lhe-ia essa frase para meditar.

À primeira vista, é um lugar-comum: é óbvio que não se pode simultaneamente falar e ouvir o que diz outra pessoa. No entanto, essa sentença vai além do âmbito meramente “acústico”. Trata-se de algo mais do que simplesmente calar a boca: também no relacionamento normal com os homens exige-se um Silêncio mais profundo - caso deva a palavra do outro verdadeiramente alcançar-nos; mais ainda, caso deva atingir-nos o coração o grito de socorro talvez completamente mudo de uma pessoa. Já para isso vale o dito antigo: “Calar e ouvir é o mais pesado dos trabalhos”.

Mas esse pensamento chega ainda mais perto da existência: aponta como que para um nível mais profundo. Pois a palavra “entendimento” deriva de “entender”².

Por “entender” (ouvir) se abrangem todas as formas de captar a realidade: ouvir tanto quanto ver, e toda espécie de compreensão e intuição.

¹ Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. O original é *Schweigen* (no orig. a seguir). Este pequeno clássico de JP, encontra-se em Josef Pieper, Werke Bd. 8, 1.2 #623 (Trad.: H. Elfes).

² Aqui Pieper joga com os termos alemães *Vernunft* e *Vernehmen* traduzidos por “entendimento” e “entender”. *Vernehmen* é a percepção, a captação de uma realidade, mas principalmente pela audição. Aproxima-se muito do francês *entendre*, intermediário entre ouvir e compreender.

Tudo isto - é o que afirma a frase: “Só quem cala, ouve” - só se realiza sob a condição de calarmos; também (e especialmente) quando se está “a sós, consigo mesmo, num quarto” e nenhuma palavra de um parceiro humano nos reclama a atenção.

Este Silêncio que aqui nos é exigido não é, de fato, algo fácil de ser descrito; sobretudo seu contrário, o “não-silêncio”, tem muitas faces.

Pois a receptividade da atenção que cala pode ser sufocada pela passividade (atitude de indiferença, “tanto-se-me-dá”) ou pela suficiência (de quem acha que já sabe tudo: querer “ensinar o Pai-nosso ao vigário”), suficiência que corta a palavra à linguagem das coisas; mas também, por exemplo, por deixar entrar para dentro de si mesmo a barulheira da rua e do mercado, a ruidosa manchete do dia, o ressoar visual de vistosas baboseiras. Tudo isso é onipresente e, como todos sabem, disponível a todo para qualquer um que busque “novidades”.

O surdo fruto de tudo isto - em segredo talvez desejado - é que o homem se impede de ouvir. Mas se o que realmente importa para o homem é poder ouvir!

Há um calar de ânimo cerrado, com os lábios crispados; e há também um silêncio morto. Mas, por natureza, não deve o homem dirigir seu calar para um mundo igualmente sem palavras: não, as coisas não são - como pretende um terrível dito filosófico - mudas.

E a atitude de um silêncio vazio, conscientemente voltado contra qualquer objeto (atitude recomendada por algumas doutrinas orientais de meditação), deve permanecer sempre estranha para quem quer que compreenda o mundo como Criação. Criação que se originou da Palavra que era no princípio, e que apresenta uma mensagem de mil vozes àquele que ouve calando. Mensagem cuja percepção traz em si a verdadeira riqueza do homem.

Goethe - também ele um grande silencioso (o que pode surpreender a muitos) - formulou aos trinta anos, num diário, a máxima de sua vida interior. “O melhor é o Silêncio profundo, no qual vivo contra o mundo, e cresço, e ganho e conquisto o que não pode ser-me arrebatado por espada ou fogo”. O que é que se ganha e se conquista em tal Silêncio? O que se ganha nesse Silêncio profundo é talvez a investidura, a autorização para usar a palavra. Pois se esta não vier do Silêncio que ouve, seria falatório desenraizado, ruído e fumaça, ou, até mesmo, mentira.

Mas pode acontecer, também, que o homem que se abre à verdade até o fundo de sua alma perca a palavra. pois o transbordar daquilo que se vai tornando compreensível explode, transcende toda possibilidade de as palavras expressarem.

Por isso não é casualidade que as expressões “escuridão do Silêncio” e “alegria muda” pertençam ao vocabulário fundamental dos que vivenciaram a fundo a verdade. E, quando, apesar de tudo, falam e escrevem acerca do que viram e ouviram, podemos perceber sempre na “prata da fala o ouro de um Silêncio que não conseguiu pôr em palavras a mais secreta riqueza da alma” (J. Bernhardt).

Talvez então valha, para os mais altos objetos da compreensão humana, que, por um momento, invertamos a frase colocada no início: quem ouve, cala.

Schweigen

Josef Pieper

Nur wer schweigt, hört. Würde mich einer nach den Grundregeln geistigen Lebens, auch des geistlichen, fragen, ich gäbe ihm vorweg diesen Satz zu bedenken. Auf den ersten Blick eine Binsenwahrheit; denn natürlich kann man nicht selber reden und zugleich hören, was jemand anders sagt. Doch greift die Sentenz weit über das bloß »Akustische« hinaus. Es handelt sich um mehr als darum, den Mund zu halten; auch im normalen mitmenschlichen Umgang ist ein tieferes Schweigen gefordert – wenn das Wort des Anderen uns wahrhaft erreichen und gar erst, wenn der vielleicht völlig lautlose Hilferuf eines Menschen, der uns braucht, uns zum Herzen dringen soll. Schon hierfür gilt der alte Spruch: »Schweigen und Hören ist die schwerste Arbeit.« Dennoch geht der Gedanke noch näher an die Existenz; er zielt noch ein Stockwerk tiefer sozusagen. Schließlich leitet »Vernunft« sich vom »Vernehmen« her – womit sämtliche Weisen, Realität zu erfassen, gemeint sind: Hören wie Sehen und jegliche Art von Erkenntnis und Einsicht. All das nun, so behauptet jener Satz, kommt einzig unter der Voraussetzung zustande, daß man schweigt, auch und gerade, wenn man »allein mit sich in einem Zimmer« ist und keines menschlichen Partners Wort uns beansprucht. Das hier uns abverlangte Schweigen ist freilich keine leichthin zu beschreibende Sache; vor allem sein Widerpart, das Nicht-Schweigen, hat vielerlei Gestalt. Die Offenheit schweigenden Aufmerkens kann ja nicht nur durch Gleichgültigkeit erstickt werden oder durch Besserwisserei, die der Sprache der Dinge ins Wort fällt, sondern zum Beispiel auch dadurch, daß einer von draußen her den Lärm von Markt und Straße in sich hineinläßt, die geräuschvolle Tagessensation, das optische Gedröhn nichtiger Schaudinge, allgegenwärtig und, wie jedermann weiß, nach Belieben verfügbar, sobald ein Gelangweilter nach »Abwechslung« verlangt. Die taube Frucht von alledem, insgeheim vielleicht herbeigewünscht, ist die Vereitelung von Hören. Auf's Hörenkönnen aber kommt es an. Schweigen kann man auch verschlossenen Sinnes, mit aufeinandergepreßten Lippen; und es gibt auch eine tote Stille. In Wirklichkeit aber schweigen wir ja nicht in eine gleichfalls wortlose Welt hinaus; die Dinge sind nicht stumm, wie ein furchtbares Philosophenwort vermeint. Und die von einigen fernöstlichen Meditationslehren empfohlene Haltung eines leeren, bewußt keinem Gegenstand zugewendeten Schweigens muß jedem fremd bleiben, der die Welt als Schöpfung versteht, hervorgegangen aus dem göttlichen Ur-Wort und auch selber dem schweigend Hörenden eine tausendstimmige Botschaft bereithaltend, die zu vernehmen seinen wahren Reichtum ausmacht. Goethe, einer der großen Schweiger (was manchem verwunderlich erscheinen mag), formuliert, dreißig Jahre alt, in seinem Tagebuch die Maxime der eigenen inneren Existenz: »Das Beste ist die tiefe Stille, in der ich gegen die Welt lebe und wachse und gewinne, was sie mir mit Feuer und Schwert nicht nehmen können.« Was man sich in solch tiefer Stille gewinnt, ist vielleicht gerade die Ermächtigung zum Wort. Käme es nämlich nicht aus hörendem Schweigen, so bliebe es herkunftsloses Geschwätz, Schall und Rauch, wenn nicht Betrug.



Freilich kann es auch geschehen, daß es dem Menschen, der sich bis in den Grund der Seele hinein dem wahrhaft Wirklichen öffnet, die Sprache verschlägt, weil die Überfülle des nun Vernehmlich-werdenden die Möglichkeiten des benennenden Wortes sprengt. Darum sind nicht zufällig »Dunkel des Schweigens« und »stummer Jubel« Grundworte der großen Mystiker. Und wenn sie dennoch reden und schreiben von dem, was sie geschaut und vernommen haben, dann fühlt man stets »im Silber der Rede das Gold eines Schweigens, das den geheimsten Reichtum der Seele nicht ins Wort geben konnte« (J. Bernhart). Vielleicht also gilt, in bezug auf den höchsten Gegenstand menschlicher Erkenntnis, eines Augenblicks die Umkehrung des an den Anfang gestellten Satzes: Wer hört, schweigt.

Recebido para publicação em 07-07-18; aceito em 12-08-18